

Posição mundial do Brasil em competitividade cai ainda mais

Pelo quarto ano consecutivo, o país foi rebaixado. Dessa vez, desceu três posições e ficou ao lado da Eslovênia

Mariana Mainenti

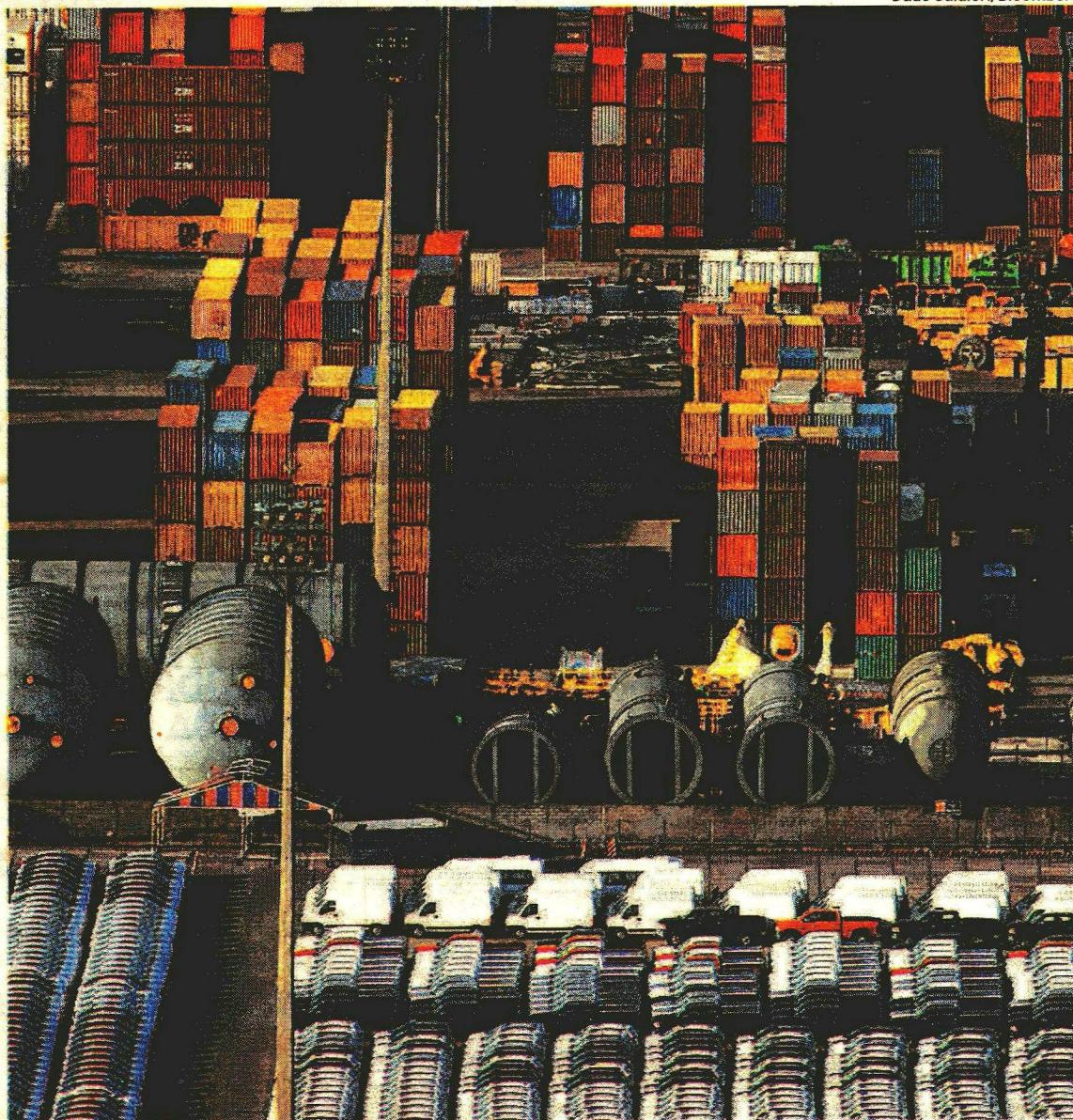
mariana.mainenti@brasileconomico.com.br

Brasil

O Brasil não para de perder posições no ranking mundial quando se trata de capacidade competitiva. Elaborado pelo International Institute for Management Development (IMD) e pela Fundação Dom Cabral, o Índice de Competitividade Mundial 2014 (World Competitiveness Yearbook - WCY) aponta que o Brasil caiu três posições em relação a 2013, ocupando o 54º lugar no ranking geral composto por 60 países. Trata-se do quarto ano consecutivo em que o país apresenta queda. Em 2010, ocupava o 38º lugar, no ano seguinte caiu para a 44ª posição, em 2012, desceu à 46ª colocação, caindo em 2013 à 51ª. Agora, está à frente apenas de Eslovênia, Bulgária, Grécia, Argentina, Croácia e Venezuela.

“Esse resultado é lamentável, mas não é surpreendente. Estamos piorando, de fato, pela falta de ação para resolver os nossos problemas de competitividade. Essa situação é consequência de um ambiente regulatório ruim, de não termos avançado nas reformas trabalhista e tributária e da falta de investimentos em infraestrutura”, analisou o professor Carlos Arruda, da Fundação Dom Cabral.

Em relação ao ambiente econômico, o resultado indica que a competitividade da economia do país está sendo impactada pelo aumento significativo de preços (54ª posição) e pela baixa participação do Brasil no comércio internacional (59ª posição). Mas a queda mais significativa ocorreu na eficiência empresarial. Em 2014, o país desceu à posição 59 no subfator produtividade, à frente apenas da Venezuela. Na avaliação de Arruda, o desempenho ruim é consequência, especialmente, da falta de avanços em outro campo: a baixa eficiência do governo. Desde 2011, o Brasil está entre os cinco piores países neste fator. “No agronegócio, por exemplo, o Brasil tem um desempenho muito positivo ‘porteira para dentro’, mas quando a mercadoria vai para a estrada, o porto, todas as nossas deficiências transferem-se negativamente para a cadeia produtiva”, considerou.



Dificuldades em logística são apontadas como um dos desafios a ser vencidos para avançar no ranking

Dado Galdieri/Bloomberg

AS 10 ECONOMIAS MAIS COMPETITIVAS

- ESTADOS UNIDOS
- SUÍÇA
- CINGAPURA
- HONG KONG
- SUÉCIA
- ALEMANHA
- CANADÁ
- EMIRADOS ÁRABES
- DINAMARCA
- NORUEGA

AS 10 ECONOMIAS MENOS COMPETITIVAS

- COLÔMBIA
- ÁFRICA DO SUL
- JORDÂNIA
- BRASIL
- ESLOVÊNIA
- BULGÁRIA
- GRÉCIA
- ARGENTINA
- CROÁCIA
- VENEZUELA

Fonte: IMD/World Competitiveness Yearbook 2014

RETRATO DO BRASIL

54º

Colocação no Índice de Competitividade Mundial 2014, do International Institute for Management Development (IMD) e Fundação Dom Cabral.

59º

Posição do país no mercado internacional.

O país ocupa ainda as últimas posições em praticamente todos os indicadores de percepção da qualidade da mão de obra e da educação técnica e fundamental. “Indicadores como o teste de PISA, que avalia a proficiência de jovens de 15 anos em leitura, matemática e ciências (49ª posição), avaliações de línguas estrangeiras, como o Toefel (46ª posição), e o indicador de matrículas em cursos secundários, com pouco mais de 80% da população em idade escolar matriculada nas escolas, reiteram a condição defasada e ineficiente da educação no Brasil. O país também ficou na posição 59 no indicador de infraestrutura de saúde, o que demonstra a carência brasileira neste setor”, destacou o IMD em relatório.

No último lugar dos indicadores de opinião sobre a qualidade da infraestrutura rodoviária e logística, o relatório demonstra ainda a preocupação da comunidade empresarial com a oferta futura de energia (54ª posição). A preocupação com a possibilidade de que falte água também é crescente: no ano passado, o Brasil ocupava o 49º lugar entre os países em relação à preocupação com a disponibilidade da água e agora é o 56º.

O relatório aponta como aspectos positivos o tamanho da economia doméstica (7ª posição no indicador consumo das famílias), a atração de investimentos diretos (7ª posição) e o emprego (6ª posição). “Estes resultados positivos são significativos, mas, sozinhos, já não sustentam o crescimento

do sétimo maior PIB (Produto Interno Bruto) do mundo”, alerta o IMD. O gerente executivo de Pesquisa e Competitividade da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Renato da Fonseca, concorda com a análise. O indicador de produção industrial, divulgado ontem pela CNI, ficou em 47,3 pontos em abril. É o sexto mês consecutivo que o índice fica abaixo dos 50 pontos, revelando queda na produção.

“É cada vez menor a taxa de crescimento do consumo das famílias. Em 2010, foi de 6,9% e agora está em 2,3%. Essas pessoas se endividaram, colocaram um freio no consumo, o crédito diminuiu por causa do aumento da inadimplência e a inflação está corroendo a renda”, afirmou Fonseca.